

**COMISSÃO DE AVALIAÇÃO EXTERNA
DOS CURSOS DE BELAS-ARTES E DESIGN**

LICENCIATURA EM DESIGN

ESCOLA SUPERIOR DE DESIGN

IADE

JUNHO 2005

Índice

I. INTRODUÇÃO	2
II. APRECIÇÃO POR CAMPOS AVALIÁVEIS	7
1. Organização Institucional	7
2. Objectivos do curso	8
3. Plano de estudos	8
4. Conteúdos programáticos	9
5. Alunos (procura, sucesso escolar)	10
6. Processo pedagógico	11
7. Corpo docente	12
8. Pessoal não docente	12
9. Instalações e equipamentos	13
10. Recursos financeiros	14
11. Relações externas e internacionalização	14
12. Ambiente académico (Apoio social)	15
13. Gestão da qualidade	15
14. Empregabilidade	16
III. APRECIÇÕES FINAIS	16
Classificação dos Campos de Apreciação	18
ANEXOS	
a) Termos de Referência	
b) Plano de visita	

I. INTRODUÇÃO

1. No interior do presente processo de Avaliação, tem este termo muito menos um carácter de juízo classificativo e hierarquizador, do que um carácter de reconhecimento das condições materiais e humanas em que um dado Curso funciona, das suas limitações e das suas virtualidades, procurando contribuir, pela sugestão e pelo aconselhamento, para a melhoria do binómio ensino / aprendizagem, dentro do campo específico que a cada um é próprio. Ultrapassando qualquer posicionamento apriorístico, importa assim entender esta 'avaliação' num sentido dinâmico, em que a relação entre 'o que é' e 'o que pode vir a ser', decorrerá de uma abertura contínua às possibilidades operatórias dos múltiplos intervenientes no sistema de ensino; e terá esta 'avaliação' de ter sempre em conta os aspectos estruturais e conjunturais que interagem entre uma Escola e uma sociedade em contínua mutação, com a inerente dificuldade de constituir quadros de acção e formação equilibrados e estáveis, currículos e metodologias adequadas e eficazes, saídas profissionais reconhecidas e comumente aceites.

Um Curso de Licenciatura em Design parece exigir, pela sua própria especificidade, que a 'avaliação' tenha uma atenção particular a estes aspectos.

Se os Objectivos do Curso estão, neste caso, devidamente caracterizados no próprio Relatório de Auto-avaliação, quando se lê:

. "Os objectivos do Curso de Licenciatura em Design são formar projectistas de sólida formação científica e cultural ao nível universitário, dentro do campo que, no século XX, se foi institucionalizando com a designação de Design." (Relatório, s/p),

e depois:

" Objectivos: O objectivo geral do curso é a formação de indivíduos capazes de desenvolver actividade projectual no âmbito de uma sociedade de informação / comunicação de pendor tecnológico: Criadores - Transformadores da cultura material. O curso define o designer como o pivô de múltiplas actividades humanas num mercado com consciência social. O objectivo final é a melhoria das condições materiais para a

existência humana, em que a técnica é sempre ponderada pela estética e pela ética." (id., s/p),

o binómio acima apontado ensino / aprendizagem dobra-se, pela especificidade da actividade de *projectista*, com o binómio concepção / realização, num trânsito que a 'produção objectual' consagrará. E, assim, a esta luz, toda a dinâmica pedagógica, integrando docentes e discentes, visará não só uma vertente teórica mas também, eminentemente prática, -- numa interacção que uma acrescida consciência cultural, tal como acima é proposta, poderá não só viabilizar, como agudizar.

Ora, é nestes Objectivos, claramente explicitados, e ambiciosos na sua ampla dimensão humanista, que qualquer proceso 'avaliativo' se terá de alicerçar; e é também com eles que se terá de confrontar a realidade abordada, procurando ver como esta, na presença de todos os condicionalismos, os procura cumprir.

2. É tendo em conta estes pressupostos, que uma simples abordagem da história do Curso pode ser significativo. Assim, e brevemente:

-- se o presente curso de licenciatura em Design é "*o herdeiro do curso em Design de Interiores e Equipamento Geral iniciado pelo IADE em 1969*" (id., s/p.), é por uma dupla mudança que vê atingir o seu estatuto actual, num processo que encontra datas de referência em 1993 (reconhecimento -- uma vez que entre 1990 e 1993 fora apenas bacharelato -- da licenciatura em Design, com três opções: Industrial, Interiores e Visual) e em 2003, com aceitação da actual designação. E se esta transformação parece ter um sentido, ela é a que decorre de uma atenção profunda às próprias alterações do campo social e cultural, onde a uma primeira acentuação de forte diferenciação (1993), se tende a regressar a uma formação mais genérica, onde, a partir de um tronco comum, apenas no fim do 2º ano escolherão os alunos entre as várias possibilidades apontadas e reservando acrescidas especializações para cursos de pós-graduação ou de Mestrado, -- e talvez em já diferente registo, para nova licenciatura, como o Relatório de auto-avaliação indica: "*Durante o ano objecto foram aprovados e reconhecidos os Cursos de Mestrado em*

Design e Cultura Visual pela portaria nº95 / 2004 de 22 de Abril, e de Licenciatura em Cultura Visual, pela Portaria 806 / 2004, de 13 de Jullho, ambos para serem leccionados na referida Escola" .

A esta luz, o que parece estar em causa é a constatação de que, a um primeiro momento de pioneirismo do IADE (então Escola formadora; hoje entidade instituidora da ESD, que assume o seu estatuto de Escola Superior) na construção, no fim da década de 60 do século passado, de um Curso de Design, se sucede o reconhecimento da progressiva multiplicação de cursos nessa área, com as consequentes exigências facilmente reconhecíveis; e é na resposta possível a estes desafios que a presente acção se tende a desenvolver, com as estratégias julgadas por mais convenientes para a defesa quer do nome e reputação da própria Instituição, quer dos alunos que a procuram.

Assim, parece ser ainda no interior desta dinâmica que se pode enquadrar quer a transformação estatutária do IADE, quer o alargamento, pela consideração do número de alunos abrangidos, dos espaços físicos de funcionamento dos cursos instituídos pelo IADE, e de que o ESD é o actualmente considerado para avaliação. De uma situação anterior de utilização apenas de espaços no Palácio do Marquês de Tomar, na Rua do Alecrim , nº 70, em Lisboa, e com recurso eventual a salas situadas em edifício próximo, passou para a compra e ocupação de edifício próprio, de vários pisos, em local privilegiado, na Avenida D.Carlos I, sem embargo de algumas aulas de Desenho continuarem a funcionar no Palácio matricial

3. Por sua vez, a caracterização do Curso, dos múltiplos aspectos que o marcam, e dos meios postos em jogo, está contida nos quatro volumes anexos ao do Relatório de Auto-avaliação enviados em tempo oportuno a esta CAE, bem como no volume com as respostas a algumas perguntas formuladas pela CAE a propósito de alguns aspectos que pareciam de mais difícil percepção. Também aí se revelam alguns dos pressupostos que animam a formulação do(s) Curso(s) -- aquele que ora está em via de conclusão e o que nasce da reforma de 2003 -- e o seu modo de implementação.

4. É, assim, sobre um conjunto de dados objectivamente considerados (Relatório de Auto-avaliação, e quatro volumes anexos, e resposta às perguntas colocadas, em tempo oportuno, pelo CAE; visita dos membros da CAE às instalações do ESD; contacto desta Comissão com as várias instâncias e grupos intervenientes no Curso) que o presente Relatório se constituirá. Tendo ele de ser claro e contido, por certo alguns aspectos secundários serão afastados em detrimento do considerado essencial; e se não é jamais possível retirar a qualquer 'avaliação' deste tipo um certo grau de subjectividade, a variada composição da Comissão, o grau de independência dos seus elementos, e o modo claro e franco em que os múltiplos encontros decorreram, parece permitir dizer que os resultados podem aparecer simultaneamente como justos e como consensuais.

Em termos formais procurar-se-á, como é óbvio, e porque superiormente exigido, seguir as recomendações e critérios estabelecidos para este tipo de Relatórios. Atender-se-á, assim, aos catorze campos, ou parâmetros, tidos como necessariamente apreciáveis e avaliáveis: Organização institucional, Objectivos do Curso, Plano de estudos, Conteúdos programáticos, Corpo discente, Corpo docente, Processo pedagógico, Pessoal não docente, Instalações e equipamentos, Recursos financeiros, Relações externas e internacionalização, Ambiente académico e apoio social, Gestão da qualidade, Empregabilidade; e far-se-á a aplicação das notações A.B.C.D.e E, de acordo com os critérios geralmente atribuídos a estas letras, para cada um dos citados campos, num processo que é essencialmente de referenciação posicional, ou de chamada de atenção para uma qualificação relativa e de indicação para uso interno à própria Escola..

A Comissão de Avaliação Externa, e a Visita à ESD

A Comissão de Avaliação Externa que se deslocou à ESD (e, logo, ao IADE), foi constituída pelos seguintes elementos, indicados por ordem alfabética::

Professor Arquitecto Augusto Artur Silva Pereira Brandão, Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Arquitectura de Lisboa, que assumiu as funções de Presidente;

Professor Doutor Diogo Frederico Lemos Cerveira Alcoforado, Professor Associado, aposentado, da Faculdade de Letras do Porto;

Professor Designer Jorge Carvalho, Professor Auxiliar Convidado da Faculdade de Belas Artes de Lisboa;

Pintor Manuel da Costa Cabral, Director do Serviço de Belas-Arets da Fundação Calouste Gulbenkian;

Secretariou esta Comissão a Ex.ma Senhora D. Maria Emília Pereira Leite, da Fundação das Universidades Portuguesas.

A visita à ESD (e, assim, ao IADE), realizou-se no dia 13 de Abril de 2005, entre as 09 horas e as 18 horas e 30 minutos, tendo sido completamente cumprido o programa estabelecido, -- quer no que respeita à visita ao espaço físico da Escola quer no que respeita ao encontro com os vários intervenientes no processo Administrativo e de funcionamento do Curso. Estiveram presentes todos os membros da Comissão

II. APRECIÇÃO POR CAMPOS AVALIÁVEIS

1. Organização institucional (A)

A ESD desenvolve as suas actividades lectivas, actualmente, em moderno Edifício próprio, de vários pisos, situado na Avenida D. Carlos I, em Lisboa. Este edifício, depois de adaptado, constitui a sede do IADE, e nele funciona, para lá da ESD (com dois cursos diurnos: o turnos matinal e o turno vespertino), a ESMP - Escola Superior de Marketing e Publicidade, esta em curso nocturno, e tendo também a mesma entidade instituidora.

A organização administrativa de Escola é assegurada pelo Conselho de Direcção que centraliza todas as decisões de carácter administrativo; a parte escolar do(s) Curso(s) é sustentada pelos pilares que são o Conselho Científico e o Conselho de Coordenação, sendo este entendido, tendo em conta a sua composição, como um elo de ligação entre a 'escola científica' e a 'escola atelier'. Existe também o Conselho Pedagógico, com participação de elementos docentes, e discentes, e em que todos os elementos docentes do Conselho de Direcção têm assento. Os vários órgãos são compostos e actuam de acordo com os Estatutos superiormente aprovados.

A este nível, deve reconhecer-se um facto curioso: os alunos do 1º ano não têm direito de eleger representantes para o Conselho Pedagógico, sendo aí representados por um docente. Não obstante tal facto estar de acordo os Estatutos, pareceria ser de rever tal posição. Crê-se que poderia ser tal eleição um processo óptimo de mais rapidamente os inserir no conjunto do contexto institucional da Escola; por outro lado, e sendo também legal, pareceria aconselhável ser o Conselho Pedagógico presidido por um Professor de carreira, de preferência Doutorado, tanto mais que existem em número suficiente. De algum modo, se se verifica também que embora este órgão não tenha qualquer poder efectivo, uma vez que os seus pareceres não são vinculativos, e o número de reuniões obrigatórias (uma por semestre) parece nitidamente baixo, -- não se poderá esquecer ter ele, até pela sua representatividade, um poder de sugerir e aconselhar que não será das menores funções no interior da Escola.

Numa outra vertente, os próprios alunos reconhecem recorrer pouco ao Conselho Pedagógico para a resolução de eventuais problemas, uma vez que quando eles ocorrem tendem a ser rapidamente resolvidos por conversa directa com o Docente respectivo.

Parece existir na Escola uma liderança forte, que a prossecução de um projecto comum tende a solidificar. Não foram contudo escamoteadas algumas dúvidas e, até, alguma ansiedade por tudo aquilo que a futura implementação do designado 'processo de Bolonha' possa comportar, -- embora reconheçam os seus Corpos directivos estar a Escola preparada para aceitar e vencer esse desafio, tendo até delineado alguns esquemas de organização compatíveis com o que vier a ser estabelecido.

2. Objectivos do Curso (A)

Os objectivos do Curso parecem estar perfeitamente definidos, e serem de entendimento geral. Não obstante as dificuldades que sempre podem advir da necessidade de revisão curricular, as duas passagens inseridas no Relatório de Auto-avaliação, e acima transcritas (v. Introdução), são significativas e crê-se nortearem toda a actividade do Curso.

3. Plano de estudos (C)

Pela própria exigência interna de adaptação dos Cursos a uma realidade social diferente, ministram-se, neste momento, dois diferentes planos de estudos, estando um na sua fase terminal, enquanto o iniciado em 2003 segue o seu desenvolvimento. O mais recente, ao assumir um carácter genericamente globalizador, impõe as necessárias transformações curriculares e programáticas; que o relatório de Auto-avaliação expressa; e, se como é evidente, ocorrem, em tais situações, alguns problemas de harmonização interna, pela dificuldade em gerir espaços, docências, interesses dos próprios alunos, parece ser o saldo positivo, pela mais amplas faixas de informação e possibilidades operatórias que são contempladas.

Por sua vez, a organização deste Curso por objectivos anuais (1º ano: Representação; 2º ano: Metodologia; 3ºano: Projecto; 4º ano: Concretização) parece curiosa, e valiosa; as várias disciplinas que realizam estes 'objectivos' parecem adequadas; mas é preciso reconhecer três importantes lacunas:

- uma, decorrente da sobre-ocupação das instalações, que funcionam continuamente, é o facto de ser quase impensável estarem os alunos mais tempo na Escola do que aquele que corresponde aos tempos lectivos específicos, com quase obrigatoriedade de realizarem 'fora' o desenvolvimento dos seus trabalhos:

- outra, afim da primeira, é o facto de na própria Escola não haverem os alunos, sobretudo os do terceiro e quarto anos, possibilidade de ter um pequeno espaço próprio, pessoal e personalizado, onde pudessem desenvolver os seus trabalhos com a continuidade e independência que se quereria conveniente;

-a terceira, o facto de, não obstante toda a possível boa-vontade de docentes e discentes, as oficinas da Escola se revelarem exíguas, e com aparentemente pequena capacidade de realização efectiva, para as exigências de 'concretização' que a própria organização curricular justificadamente suscita.

4. Conteúdos programáticos (C)

Caberá aos docentes das várias disciplinas a elaboração dos programas. Ora, uma vez que os elementos fornecidos através do relatório de auto-avaliação apresentam sobretudo 'Programas reduzidos' (v. Vol. 2), caberá aos Orgãos da Escola (Conselho Científico; Conselho de Coordenação) o seu controle e adequação. Verifica-se, entretanto, alguma atenção em relação à elaboração diária dos sumários das aulas, que os docentes devem redigir e assinar.

Também as informações referentes à avaliação são, por vezes, insuficientes, e variam de docente para docente. Sem embargo de reconhecer a existência possível de vários sistemas de avaliação, e mesmo a necessidade de elas serem diferentes consoante

as disciplinas, pareceria necessário cuidar desse aspecto, tanto mais que ele foi várias vezes referido pelos próprios alunos.

Significativamente, e como geralmente acontece em qualquer Curso, há um ano que é considerado, pelos alunos, como 'pesado': aqui, o segundo ano, aquele em que, como é reconhecido, 'mais alunos ficam pelo caminho'.

Reconhecem também os alunos a necessidade de introduzir alguma(s) cadeira(s) de informática, pois têm de utilizar programas informáticos para os quais não receberam formação de base: existe apenas uma única disciplina deste tipo no primeiro semestre do primeiro ano, com um computador para três alunos, -- enquanto no segundo ano os professores exigirão trabalhos informaticamente muito complexos.

5. Alunos (C)

O corpo discente é heterogéneo, mas interessado, e disponível, -- embora tenha sido verificada, por parte dos docentes, alguma diminuição de preparação global à entrada para a Escola. Isto não impede a existência, todos os anos, de alunos de muito elevada capacidade. No que se refere ao número de candidatos, ele tem-se mantido relativamente estável, com pequena diminuição no último ano lectivo. O número de desistências é relativamente baixa, assim como o número de reprovações, que vão, como parece natural, diminuindo à medida que o aluno vai avançando no Curso.

Verifica-se que há, no interior da organização funcional da Escola, um regime de Bolsas para os alunos que cumpram alguns requisitos estabelecidos; e há mesmo, para alunos com dificuldades económicas e qualificações particulares (notas de curso, especiais aptidões técnicas, conhecimento de línguas)

, a possibilidade de serem 'colaboradores': dando algumas horas diárias de trabalho à Escola, em sectores específicos, ou colaborando com alguns professores, vêem as suas propinas reduzidas ou ficam, mesmo, isentos do seu pagamento.

6. Processo pedagógico (C)

Comportando o Curso, e as suas várias opções, cadeiras teóricas, teórico-práticas e práticas, e estabelecida a sua articulação, parece não existirem problemas essencialmente graves na actividade pedagógica. Os Cursos organizam-se em semestres, e em sistema de créditos, havendo uma ponderação de créditos pela carga horária lectiva, carga horária previsível de trabalho, e 'importância' relativa das disciplinas; a média final do curso é obtida com a multiplicação das classificações pelos créditos das disciplinas.

Entretanto, se é comumente reconhecido o bom ambiente existente no processo de relação professor / aluno, e se não parece haver grande oposição dos alunos á forma como as turmas são constituídas (as aulas teóricas com maior números de alunos, as práticas com grupos mais reduzidos) parece ser de prestar alguma atenção, como já acima se referia, à questão das avaliações. Sem embargo de reconhecer a legitimidade das reflexões realizadas pela Comissão de Auto-avaliação no que respeita às consequências, para este aspecto, do regime ainda vigente em 1999, e criado em 1993 (v. Relatório da C.A.A., Secção V, 2.; ou Informação Suplementar ao Relatório de Auto-avaliação, ponto 3), parece haver aspectos que devem ser considerados e, possivelmente, melhorados.

Também se torna óbvio que, para uma Escola com estas características, se o ideal poderia ser a sua abertura vinte e quatro horas sobre vinte e quatro, segundo paradigmas anglo-saxónicos, com a capacidade para os alunos a utilizarem sempre que quisessem, isso revela-se impossível. O esforço para manter o funcionamento durante dezasseis horas -- das oito às vinte e quatro horas --, será um limite actualmente intransponível, em termos económicos.

7. Corpo docente (B)

O corpo docente é geralmente estável, interessado e capaz, e de nível etário equilibrado. Possui, neste momento, um corpo de catorze docentes doutorados, estando

doze docentes a terminar os seus programas de doutoramento, e outros em vias de o realizarem. E há ainda, neste universo, um conjunto relativamente amplo de diplomados pelo IADE do tempo em que o diploma académico desta Escola não era reconhecido, mas que pelo seu 'currículo' profissional podem ser contratados, integrando o corpo docente de pleno direito..

Por sua vez, a Escola procura consagrar as disposições necessárias, entre elas a de dispensa durante dois anos de serviço docente, para que os docentes possam realizar o doutoramento. Igualmente tem procurado ajudar a investigação, tendo sido sempre possível custear as deslocações de docentes envolvidos nestes tipo de projectos. Por outro, e também no que à investigação diz respeito, tem sido possível contar com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

Significativamente, os docentes são, anualmente, 'avaliados' pelos alunos, através de inquéritos anónimos, e classificados aritmeticamente, numa escala 0/5, segundo aspectos designados. As classificações são, depois, comunicadas aos docentes respectivos.

8. Pessoal não docente (C)

Do encontro com o pessoal não docente ressalta a informação da existência de um bom ambiente de trabalho, e motivação de acordo com o espírito da Escola. Parece haver uma preocupação da Administração na formação progressiva deste pessoal.

9. Instalações e Equipamentos (C)

Como se expôs, as instalações, na Avenida D.Carlos I, são novas, e completam-se ainda com algumas salas do Palácio do Marquês de Tomar, na Rua do Alecrim, 70, em Lisboa, onde funcionam aulas de Desenho da ESD (salas que, num pequeno intervalo da hora do almoço, puderam também ser visitadas pela CAE).

A visita guiada através das novas instalações da Escola, com o apoio de cada um dos departamentos visitados, permitiu reconhecer a sua estrutura e qualidade. Sem levantar aqui quaisquer problemas de segurança, que a outras instâncias caberá certificar, verificou-se que neste edifício estão sediados os Gabinetes da Direcção da Escola, com todas as suas valências sectoriais, o Gabinete des Relações Internacionais, Unidade de Investigação em Design de Comunicação, as salas de aula, o Laboratório Gráfico, a Reprografia, o Centro Editorial do IADE, a Biblioteca, a Associação de estudantes (com bar - cantina, papelaria e reprografia), e ainda, num piso inferior, as oficinas (de modelos e protótipos; de silicones, plásticos, resinas e soldaduras; de meios áudio-visuais, com a sua régie e estúdio; de fotografia, com câmara escura com capacidade para cerca de quinze alunos, equipada para trabalhar com todo o tipo de equipamento; e aberta entre as 10 e as 22 horas)

As salas de aulas têm equipamento informático básico, equipamentos de projecção de imagens fixas e de video, e em cada um dos cinco pisos existe uma sala preparada com diferentes sistemas de equipamento informático. Por sua vez, em cada piso existe uma sala para docentes e outra para alunos.

Quanto à Biblioteca, que constitui possivelmente o espaço mais amplo da Escola, e que possui magnificas características funcionais, parece ser uma valência considerável no conjunto da Escola. Aí trabalhando uma Bibliotecária e uma Técnica, tem acesso à plataforma *WEB of knowledge* <http://isiknowledge.com>. Procura também a Escola dotar a Biblioteca de um acervo superior de livros, com o objectivo de a tornar mais específica para as áreas de investigação, sobretudo tendo em conta os trabalhos de pós-graduação.

Por sua vez, foi implementado no IADE o sistema *wireless*, o que permite que os alunos tenham acesso à *internet* em qualquer ponto da Escola; e o IADE ainda concorreu

ao programa POSI (Programa Operacional de Sistemas Informático), ligado ao Projecto 'Universidade Electrónica', com o objectivo de transformar o *site* do IADE em 'portal'.

Num outro, mas nunca desprezível, plano, as questões referentes à limpeza e à segurança das instalações estão asseguradas por recurso *a out sourcing*.

10. Recursos financeiros (C)

Os alunos pagam o seu ensino no IADE, de forma a poder garantir a qualidade do ensino. A Escola conta, ainda, com fundos da Fundação para a Ciência e Tecnologia, da Fundação Calouste Gulbenkian e, ainda, por vezes, da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

Por sua vez, certos projectos de investigação realizados no âmbito da Escola parecem começar ter a sustentação própria, o que revela algum nível de entrelaçamento com a sociedade civil.

11. Relações externas e internacionalização (B)

A Escola possui um Gabinete de Relações Internacionais, como reconhecimento da necessidade de impôr essa dimensão hoje nuclear.

Neste plano, e para lá também de alguns alunos estrangeiros que frequentam a Escola ao abrigo de programas específicos, e que estiveram presentes nas reuniões respectivas, com generalizadas boas referências à ESD, foi a CAE informada de que a Escola assinou convénios com algumas Universidades do Brasil, e está muito envolvida nos programas Sócrates / Erasmus, havendo já intercâmbio com o Instituto Universitário Autónomo de Veneza, enquanto ao nível de pós-graduações a Escola está a tactear o que 'pode ser' a nível europeu. Talvez na sequência deste posicionamento, possa ser assinalada a realização de várias conferências de nível internacional., com docentes e comunicações oriundas de mais de quinze países, e a candidatura à realização da

conferência bianual da *Design Research Society*, a qual, se aceite, será realizada pela primeira vez fora de solo anglo-saxónico.

Significativamente, no Relatório de Auto-avaliação, aponta-se a Internacionalização e a Investigação como um dos 'pontos fortes' da Escola, como "vectores onde os resultados foram mais espectaculares nos últimos cinco anos".

No que respeita a relações externas, mas de âmbito nacional, parece haver um cuidado grande em estabelecer contactos de colaboração ou de parceria com estruturas académicas de nível universitário, associações profissionais ou outras estruturas da sociedade civil (v. Relatório de auto-avaliação, III, 3.8).

12 Ambiente académico e apoio social (B)

Genericamente, o ambiente deve poder considerar-se bom, com as características das organizações com um corpo coeso e organicamente estruturado e forte. O relacionamento dos alunos com os professores e com os órgãos da Escola parece fácil e satisfatório. Talvez por isso certas preocupações associativas, por parte dos alunos, pareçam diluir-se um pouco, ou assumirem-se como longe dos seus cuidados imediatos. Mantêm os alunos, contudo, uma Associação de Estudantes, e algumas estruturas e actividades que lhes aparecem geralmente ligadas.

Entretanto a Escola assegura o regime de Bolsas, de acordo com princípios estabelecidos, e comporta a figura do 'colaborador' (v. ponto 5).

13. Gestão da qualidade (B)

Para uma Escola com as características do IADE, e de cursos como o do ESD, poder-se-á aplicar a máxima que no próprio Relatório de auto-avaliação se transcreve: "O Limiar da Sobrevivência é igual ao Limiar da Excelência." Caberá, assim á própria Administração da Escola zelar por que tal qualidade, a todos os níveis, se vá realizando.

Numa sociedade extremamente competitiva, e numa escola privada, só esse aspecto poderá assegurar o seu prestígio e manutenção.

Aparece, contudo, e como ponto positivo, o facto de a própria Escola ter, dentro dos limites que tal processo sempre comporta, algum grau de conhecimento do percurso de muitos dos seus licenciados, com indicações do nível de satisfação de utilizadores ou empregadores. Tais dados permitirão talvez uma atenção acrescida, a partir da sociedade civil, para as realidades internas da Escola e das suas carências e virtualidades.

14. Empregabilidade (C)

Num campo tradicionalmente difícil, fácil será reconhecer que os *designers* terão, na sua generalidade, alguma dificuldade de afirmação. Contudo, é este um campo aberto e em que o binómio oportunidade / qualidade se fará, necessariamente, sentir. Parece haver, por parte da Escola, uma abertura grande ao acompanhamento dos seus alunos, e depois dos seus licenciados, com vista ao estabelecimento de relações que se tornem em oportunidades de trabalho continuado, e remunerado.

III. APRECIACÕES FINAIS

Herdeira de uma tradição de décadas no ensino do Design, a ESD tem de enfrentar, neste momento, desafios grandes mas para que parece estar preparada. Reconhecendo a concorrência crescente que outras escolas impõem, algumas com o peso institucional de estarem ligadas à Universidade pública, tem procurado adaptar-se às mutações sociais e culturais com a agilidade que a uma Escola desta dimensão se consente. Se tem a liberdade que decorre do seu carácter autónomo de grupo privado, tem também os constrangimentos necessários de quem tem de possuir uma gestão equilibrada e forte, e assegurar, pelo nome e qualidade, um afluxo de alunos que, sem tais condições,

buscariam outros locais de ensino e de aprendizagem. E se é ponto assente, para quem tem acompanhado a evolução da Escola, o nível das transformações realizadas, e a sua melhoria, há que reconhecer contudo algumas limitações de que este relatório foi dando conta.

Limitações insuperáveis? Não se crê. Se os condicionamentos de espaço, pelo número de alunos envolvidos, é uma realidade, e se há sectores do processo educativo que revelam constrangimentos, parece haver na ESD, e no IADE, a massa crítica suficiente para que possam progressivamente ultrapassar tais limitações. Por vários modos, ao longo de toda a visita, sempre as instâncias directivas da ESD, e do IADE, mostraram estar plenamente cientes do trabalho a realizar, como forma de assegurar a permanência da Escola no seu campo de acção, e no interior da sociedade académica e da sociedade civil. É, efectivamente, na atenção contínua aos sinais que a sociedade envolvente vai dando, e aos desafios que ela lhe coloca, que a Escola pode encontrar, enquanto instituição e através dos seus licenciados, a imagem que comumente lhes convém. E se a situação não pode deixar, hoje, de ser considerada preocupante, sobretudo por quanto os problemas de emprego acarretam, só uma disponibilidade de conversão de especializações curriculares, constituíveis sobre estruturas básicas e amplas, estáveis e fortes, permitirá um sucesso acrescido.

Parece haver, no IADE, e na ESD, consciência destas realidades. A aposta na acrescida formação de docentes, no recurso a docentes e discentes com outras formações, a especialização (pós-graduação; mestrado) em sectores específicos, são vectores de afirmação e de desenvolvimento a explorar. Por outro lado, e na medida do possível, o contínuo estabelecimento de laços, tão fortes quanto possível, com empresas e empregadores de *designers*, a mostração pública de trabalhos de alunos da Escola, através de exposições públicas programadas e amparadas, o *marketing* do próprio estabelecimento, são aspectos que não podem ser descurados. Sem esquecer nunca que o melhor *ex-libris* da Escola terá de ser sempre o trabalho realizado pelo maior número daqueles nela se licenciaram.

Classificação dos Campos de Apreciação¹

Campos de Apreciação	Classificação
Organização Institucional	A
Objectivos do Curso	A
Plano de Estudos	C
Conteúdos Programáticos	C
Alunos (procura, sucesso escolar)	C
Processo Pedagógico	C
Corpo Docente	B
Pessoal não Docente	C
Instalações e Equipamentos	C
Recursos Financeiros	C
Relações Externas e Internacionalização	B
Ambiente Académico (apoio social)	B
Gestão da Qualidade	B
Empregabilidade	C

Nota: Os Níveis de Classificação atribuídos foram estabelecidos nos seguintes termos:

A – *Excelente*

B – *Muito Bom* – Sem problemas estruturantes detectados, com eventuais pequenos problemas de importância secundária para a organização e funcionamento.

C – *Bom* – Pode haver pequenos problemas de alguma relevância para a organização e funcionamento do curso, mas resolúveis ao nível do Departamento ou da Coordenação do Curso.

D – *Suficiente* – Problemas estruturantes detectados que implicam intervenção institucional de nível mais elevado, mas onde se encontra dinâmica positiva que admite a sua ultrapassagem a curto prazo.

E – *Insuficiente* – Graves deficiências, algumas de natureza estrutural, com reduzidas perspectivas de recuperação imediata.

¹ Os Campos de Apreciação e os Níveis de Classificação foram definidos com base no Guião de Avaliação Externa aprovado em Novembro de 2003 pela F.U.P. / Conselho de Avaliação.

ANEXO

TERMOS DE REFERÊNCIA

1. CARACTERIZAÇÃO DO CURSO

Objectivos e finalidades do curso. Informações sobre o contexto em que o curso foi criado. Procura do curso (condições de acesso, evolução na procura durante o período em análise) .Articulação do curso de licenciatura com cursos de ensino pós-graduado da mesma área científica.

2. PLANO DE ESTUDOS

Adequação aos objectivos e finalidades do curso. Carga horária semanal. Distribuição e peso relativo das disciplinas por áreas científicas. Articulação interdisciplinar e articulação entre formação teórica e a preparação prática (exercícios de recolha de dados). Os estágios e a interacção entre a Universidade e as Instituições de acolhimento nas quais funcionam núcleos de estágio.

3. PROGRAMAS DAS DISCIPLINAS

Qualidade e coerência científico-pedagógica. Adequação aos objectivos do curso. Exequibilidade. Metodologias e estratégias de ensino. Articulações horizontais e verticais. Estratégias de desenvolvimento curricular: dinâmica de actualização no período em análise.

4. CORPO DOCENTE

Qualificação académica. Actividade pedagógica e carga lectiva semanal. Actividade científica e publicações. Actividades de extensão universitária. Actividades de gestão. Coordenação entre os professores do curso. Colaboração interdepartamental e interinstitucional. Intercâmbio internacional. Financiamento externo de projectos.

5. CORPO DISCENTE

Vocação para o curso (se os alunos têm como primeira opção). Preparação cultural e científica. Capacidades de expressão e de comunicação oral e escrita. Espírito crítico. Hábitos de leitura. Condições de estudo. Programas de apoio aos alunos em dificuldades. Mobilidade internacional.

6. GESTÃO PEDAGÓGICA DO CURSO

Órgãos e mecanismos de gestão pedagógica do curso. Representatividade dos órgãos de gestão pedagógica: participação de docentes e alunos. Articulação dos órgãos de gestão pedagógica com outros órgãos de gestão. Recursos de pessoal técnico e administrativo.

7. AVALIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS

Modalidades e critérios, qualidade e fiabilidade dos processos de avaliação (escritos e orais). Taxas de sucesso, de retenção e de abandono. Prescrições e precedências.

8. INSTALAÇÕES

Espaços lectivos: número, tipologia, capacidades e qualidade. Espaços de Estudo, trabalho e convívio para alunos. Gabinetes para docentes e suas condições.

9. EQUIPAMENTO CIENTÍFICO-PEDAGÓGICO

Equipamento; apoio técnico; manutenção. Bibliotecas: quantidade e actualização do acervo bibliográfico; condições de acesso e utilização; espaços de leitura; horário de funcionamento. Meios informáticos. Meios audiovisuais. Laboratórios.

10. SAÍDAS PROFISSIONAIS

Adequação do curso de licenciatura e das competências e capacidades dos licenciados ao mercado de trabalho. Situação sócio-profissional dos licenciados: emprego em área directamente relacionada com o curso, emprego numa área próxima do curso; trabalho numa área totalmente diferente; taxas de desemprego. Possibilidades de articulação entre estágios e emprego.

Curso de Design IADE

Sub-Comissão de Visita

Prof. Augusto Brandão Prof. Diogo Alcoforado Prof. Costa Cabral Prof. Jorge Carvalho
--

**Data de Visita
13 Abril de 2005**

Programa de Visita

- 09.00 – 10.00 – Reunião com dirigentes
- 10.00 – 11.00 – Reunião com autores do Relatório
- 11.00 – 12.00 – Reunião com Dirigentes estudantis ou Alunos
- 12.00 – 13.00 – Visita das instalações
- 13.00 – 14.30 – Almoço
- 14.30 – 15.30 – Reunião com todos os alunos ou uma selecção. (Deixado ao critério da Escola)
- 15.30 – 16.30 – Reunião com docentes
- 16.30 – 17.30 – Reunião aberta
- 17.30 – 18.30 – Consulta de elementos e reunião com os dirigentes da escola
- 18.30 – 19.30 – Reunião da CAE